

PAUL MASON



COMO TRAVAR  
O FASCISMO

HISTÓRIA - IDEOLOGIA - RESISTÊNCIA



*Aos antifascistas do passado, do presente e do futuro*

*A História ensina-nos a imortalidade das ideias*

KARL LOEWENSTEIN,  
advogado antifascista, 1937<sup>1</sup>

# Índice

*Introdução: os nazis estão de volta, mas porquê?* 13

## PRIMEIRA PARTE

### Ideologia

1. Violência simbólica:  
O que querem os fascistas do século XXI? 31
2. Sonhos de um estado étnico:  
A arquitetura do pensamento do fascismo atual 57
3. Cinco tipos de calamidade:  
As forças que impulsionam a extrema-direita 93

## SEGUNDA PARTE

### História

4. Destruir tudo:  
As origens do fascismo 135
5. Deter Mussolini:  
Um jogo em cinco lances 163
6. «Estou estupefacto»:  
Por que razão a esquerda não travou Hitler? 201

TERCEIRA PARTE  
Resistência

7. Uma teoria do fascismo: Para lá das guerras da definição	245
8. Democracia militante 2.0: Precisamos de uma nova frente popular	295
9. Todos vêm ao Rick's: O antifascismo como espírito distintivo	341
<i>Notas</i>	365
<i>Agradecimentos</i>	385

# Introdução

## *Os nazis estão de volta, mas porquê?*

E se os nazis inventassem uma máquina do tempo? E, nas derradeiras semanas da Segunda Guerra Mundial, decidissem enviar para o futuro um grupo de infiltração das SS, com vista a criar o Quarto Reich? Que ano lhe parece que tomariam por alvo?

Setenta e cinco anos é um número redondo — nessa altura, a maioria dos que testemunharam o Holocausto já estaria morta. Fazamos então o seguinte exercício: suponhamos que um grupo de nazis a viajar no tempo se materializa na Europa em março de 2020. Choca-os o ultraliberalismo da sociedade ocidental, maravilham-se com as nossas tecnologias digitais e descobrem com horror que a música negra americana conquistou o mundo. Porém, ao mesmo tempo...

... veem turbas hindus em Deli a espancar estudantes de esquerda com barras de ferro. Veem o partido Vox, de extrema-direita, inundar os meios de comunicação espanhóis com retórica violenta contra imigrantes, feministas e a esquerda, conquistando três milhões de votos nesse processo. Descobrem que um milhão de muçulmanos chineses está confinado em espaços muito parecidos com campos de concentração e que ninguém quer saber.

Assim que decifram a Internet e percebem o que é um *meme*, a caricatura de uma rã a dizer «Honk Honkler» fá-los sorrir. Os sorrisos alargam-se ao lerem que uma unidade do Exército

alemão foi dissolvida por estar irreparavelmente infiltrada por neonazis. Esquadrinhando mais intensivamente, apercebem-se de que todas as ideias que eles próprios perfilham — pureza racial, supremacia masculina, antissemitismo e culto do líder — circulam de forma global nos canais do Discord e em grupos do WhatsApp entre milhões de pessoas encolerizadas.

Enquanto se adaptam, percebem que há algo ainda mais importante em curso. Há uma doença. Está a matar pessoas. Enquanto o vírus da Covid-19 grassa pela América, veem manifestantes de extrema-direita acorrer às ruas, alguns armados com espingardas automáticas, protestando em defesa do direito a contraírem a doença.

George Floyd é assassinado. Os boletins noticiosos da direita alternativa (*alt-right*) fervilham de antecipação: é isto, o «Boogaloo», a senha supremacista branca para a segunda Guerra Civil americana. Dezenas de milhares de cidadãos que se manifestam em protesto pela morte de Floyd são atacados por milícias de extrema-direita, por vezes em articulação com a Polícia.<sup>1</sup>

Trump perde a eleição, mas, vindos da década de 1930, os nossos nazis não ficam surpreendidos com o que acontece a seguir: convoca uma multidão racista para o Capitólio e incita-a a tomar o edifício de assalto. Também não ficam surpreendidos ao ver legisladores republicanos justificar o ataque. Políticos a defenderem a violência é a atuação típica da época deles.

Com a extrema-direita a iniciar uma rebelião de quatro anos contra a administração Biden, o que farão em seguida os nossos nazis viajantes no tempo? Descontraem-se, compram pipocas e assistem à diversão. A missão deles não era necessária.

O fascismo está de volta, embora de moto próprio. Alguma outra coisa chegou cá primeiro. Mas o quê? E como podemos reagir? Este livro é a minha tentativa de responder a essa pergunta.

Quando a minha geração entoava «Nunca mais!» diante dos *skinheads* nazis, na década de 1970, tomávamo-lo como um facto, não como um desejo. O fascismo passara à história: era um produto de hierarquias sociais que nunca poderiam regressar, desencadeado por um tipo de crise económica que nunca poderia repetir-se.

Tínhamos bons fundamentos para esta convicção. Ernst Nolte, o historiador alemão que iniciou o estudo comparativo do fascismo internacional em 1963, declarara que o fenómeno estava «morto». Vimos já todas as variantes possíveis do fascismo, afirmou Nolte: é um episódio encerrado.<sup>2</sup>

Com a chegada da era digital, que quebrava o monopólio sobre a informação, detido por Estados e empresas, parecia que as elites nunca mais poderiam manipular a opinião pública à maneira de Hitler e Mussolini. Ainda em 2008, o historiador Giuseppe Finaldi pôde escrever, num manual universitário sobre Mussolini: «O fascismo pouco tem a dizer hoje e muitas das suas obsessões parecem não só absurdas, mas incompreensíveis.»<sup>3</sup> Partimos do princípio de que, como tínhamos registado a verdade a respeito do fascismo, ele nunca voltaria a manifestar-se.

Tornou-se agora óbvio que cada uma destas suposições estava errada.

Ao longo da última década, três movimentos políticos floresceram à direita do conservadorismo tradicional: o extremismo de direita, o populismo de direita e o conservadorismo autoritário. Toda uma subdisciplina da ciência política se dedica a estudar as diferenças entre eles, produzindo diversas tipologias, definições e rótulos.<sup>4</sup>

Os extremistas da direita caracterizam-se por defender guerra de raças, por exercer violência e combater abertamente em prol da dissolução da democracia. Os populistas de direita atacam os direitos humanos, exercem represálias sobre as minorias



e encenam mobilizações de massas, mas, por norma, optam por uma atitude de não-violência e concentram-se em vencer eleições, muitas vezes por meio de novos partidos políticos. Por seu lado, os conservadores autoritários adotam a retórica do populismo, mas atuam no seio de partidos dominantes, redes de elite e das instituições tradicionais do Estado.

É esta a teoria. O problema é que, na realidade, os três movimentos começaram a trabalhar em sinergia deliberada. Desde a década de 1990, os cientistas políticos têm presumido que os populistas de direita agiriam como barreira de proteção contra o verdadeiro fascismo. Na verdade, foi o contrário que aconteceu. *A barreira de proteção está ao rubro.*

Desde 2008, movimentos à direita da linha dominante desenvolveram uma linguagem comum, um espaço virtual partilhado e um desígnio conjunto: criar democracias *iliberais* que possam manter coligações de populistas e autoritários permanentemente no poder, corroendo o estado de direito e arrasando a ordem global com base em regras.

Na década de 2010, três das democracias mais populosas do planeta — os EUA, a Índia e o Brasil — foram rápida e gravemente enfraquecidas. Mais de metade dos países desenvolvidos do mundo viu a qualidade das suas democracias declinar nos últimos catorze anos. «Funcionamento do governo, liberdade de expressão e de crença, e estado de direito são as áreas mais comuns de deterioração», afirma o grupo de monitorização Freedom House.<sup>5</sup> Este processo, designado «decadência democrática», enfraqueceu as nossas defesas contra o pleno fascismo ao mesmo tempo que criava espaço para a intervenção de fascistas.

O neofascista francês Maurice Bardèche, que dedicou a vida a negar o Holocausto, vaticinou, logo em 1961, que o fascismo regressaria sob uma forma diferente:

Com outro nome, outro rosto e nada que denuncie a projeção do passado, com a forma de uma criança que não reconhecemos e a cabeça de uma jovem Medusa, renascerá a Ordem de Esparta.<sup>6</sup>

Não foram as secções de assalto e as celas de tortura a constituir a essência do projeto fascista, insistiu Bardèche, mas o seu conceito de «homem e liberdade». Atualmente, seja o que for que se procure no YouTube, no Facebook ou no Twitter, o conceito fascista de homem e liberdade está a apenas alguns cliques de distância.

Portanto, a minha geração estava enganada. Afinal, o fascismo não estava enraizado numa dinâmica de classe particular da Europa nos anos 30 do século passado. Não é preciso desemprego em massa para o produzir. Não depende de uma derrota na guerra ou da existência de estações de rádio de controlo estatal. *É um sintoma recorrente de falha do sistema no regime capitalista.*

E a falha determinante em que se apoia o fascismo é ideológica. Em tempos normais, o capitalismo apoia-se num sistema de crenças simultaneamente passivo e difuso. Para podermos simplesmente viver as nossas vidas, temos de acreditar que os mercados funcionam de forma natural, que o governo é justo e honesto, que o trabalho árduo será recompensado, que, com a continuidade do progresso tecnológico, a vida melhorará para nós e para os nossos filhos. Estas crenças, em conjunto, formam uma *ideologia*. Reproduzimo-las e reforçamo-las ao longo da nossa experiência diária — no trabalho, em casa e em todos os lugares que os permeiam.

O fascismo conquista espaço quando a nossa fé nessa ideologia quotidiana se evapora e nenhuma alternativa progressista a substitui. Porém, é uma ideologia de tipo diferente: só pode ser reforçada e reproduzida nas cabeças das pessoas mediante experiências *extraordinárias*: guerra, opressão e genocídio.

Tradicionalmente, os historiadores estudaram o fascismo de três perspectivas: como ideologia, movimento e regime. A premissa deste livro assenta no facto de, embora cada um destes ângulos seja válido, o fascismo só poder ser plenamente compreendido como desfecho de um processo: concretamente, um processo de desintegração socioeconómica que deixa as vidas de milhões de pessoas num turbilhão, debilita as imagens que têm de si mesmas, as deixa a ansiar pela crença numa série de mentiras e, na verdade, a querer participar na criação e propagação das mentiras.

Eis as perguntas a que procurarei responder: o que é que impulsiona atualmente esse processo? O que o impulsionou no passado? E como podemos detê-lo?

O núcleo do sistema de crenças do fascismo de hoje é claro: os grupos étnicos maioritários tornaram-se «vítimas» da imigração e do multiculturalismo; as conquistas do feminismo têm de ser revertidas; a democracia é dispensável; não se pode confiar na ciência, nas universidades e nos meios de comunicação; as nações perderam a orientação e precisam de voltar a ser «grandes»; e em breve terá lugar um acontecimento cataclísmico que corrigirá o estado de coisas.

Todo o fascista acredita nisto e em mais; todo o eleitor da direita populista acredita agora em parte disto; todo o político da direita autoritária tem recorrido a linguagem codificada para ir ao encontro de parte deste programa. Com efeito, uma boa maneira de determinar se se está a lidar com um conservador antifascista é apurar se está preparado para repudiar todas estas convicções, em palavras e acções claras.

No entanto, o que separa os fascistas modernos dos populistas e dos conservadores de direita é o seu desígnio supremo: uma guerra global de raça que reconfigure o mundo em monoculturas étnicas e ponha fim à sociedade moderna.

A força corrente do fascismo não pode ser medida por números eleitorais: na maioria dos países ocidentais, os fascistas costumam votar em partidos populistas de direita, satisfeitos por aproveitarem as ligações e o espaço político proporcionado. Também não pode ser avaliada pela dimensão das suas mobilizações de rua: a verdadeira mobilização tem lugar no mundo virtual. Por agora, a força do fascismo pode ser mais bem avaliada através da proeminência das suas ideias, que se difundiram rapidamente pelas redes sociais.

A razão por que se difundem é clara. Ao longo da última década, enquanto o sistema económico de mercado livre descarrilava, enquanto a globalização invertia a marcha, enquanto as alterações climáticas exigiam mudanças radicais nas nossas prioridades e, por fim, enquanto a pandemia de Covid-19 fazia disparar as tensões económicas e geopolíticas, a ideologia que para muita gente dava um sentido ao mundo desfez-se em poeira. No seu lugar, o fascismo oferece uma nova utopia baseada no racismo, na misoginia e na violência.

Na sua dimensão mais granular, este é um processo que tem lugar a nível dos indivíduos. Na década de 1940, houve quem afirmasse que o nazismo era produto do «carácter alemão». Na verdade, contrapôs a filósofa Hannah Arendt, foi causado pela *desintegração* do carácter alemão.<sup>7</sup> Atualmente, enfrentamos algo parecido: a desintegração do carácter global — o «eu» típico que surgiu durante o período de globalização do mercado livre, agora perdido nas trevas quando tudo implode.

Na busca de um inimigo, uma nova extrema-direita declarou guerra ao «marxismo cultural», fazendo eco da retórica do nazismo nos anos de 1920. Porém, uma vez que o número de verdadeiros marxistas é reduzido, são as feministas, as pessoas de cor, os climatologistas, os refugiados e as pessoas LGBTQI que têm de ser estigmatizadas, assediadas e «*doxxed*» (ou seja, obrigadas a abandonar a vida pública devido à divulgação

de informação pessoal). Durante a pandemia, responsáveis do setor da saúde pública foram acrescentados à lista de alvos: no folclore da extrema-direita, até as máscaras são «marxistas».

Se retirarmos uma lição do século XX, deveria ser esta: a partir do momento em que o modo de pensar fascista for adotado por milhões de indivíduos, nada menos do que a destruição total os satisfará. Em 1945, como correspondente noticioso do lugar do campo de extermínio de Treblinka, o jornalista Vasily Grossman exortou as gerações futuras:

Cada homem e mulher tem o dever para com a sua consciência [...] para com a sua pátria e para com a humanidade no seu todo de dedicar todas as forças do seu ânimo e espírito a responder a estas perguntas: o que é que deu origem ao racismo? O que pode ser feito para impedir o nazismo de voltar a imperar?

Não nos pediu que considerássemos quão mau foi o fascismo, qual a grandeza do seu custo, a que ponto são irracionais as suas ideias... *mas qual a sua causa?* A resposta que fornece vai ao âmago do que está agora a acontecer:

O que levou Hitler e os seus sequazes a construir Majdanek, Sobibor, Belzec, Auschwitz e Treblinka foi a ideia imperialista de excecionalismo — de excecionalismo racial, nacional e de todas as outras espécies.<sup>8</sup>

Outra palavra para este excecionalismo seria *supremacia* — dos brancos sobre os negros, dos homens sobre as mulheres, da população «nativa» sobre os imigrantes, dos colonos sobre os povos indígenas do Sul global. Grossman compreendeu que no seio de cada ideologia supremacista se esconde um impulso

genocida, que, como veremos, oculta um desejo ainda mais profundo de autodestruição.

Seis milhões de judeus morreram no Holocausto.<sup>9</sup> Sessenta milhões de pessoas morreram na Segunda Guerra Mundial, três quartos delas civis.<sup>10</sup> Embora os nossos cérebros tenham dificuldade em assimilar estes números, o preço de uma segunda era fascista poderia ser ainda mais elevado.

Em 2018, visitei Majdanek, um antigo campo de concentração próximo de Lublin, na Polónia, onde pelo menos oitenta mil judeus, polacos, russos e outros foram assassinados. O que me surpreendeu foi a falta de solidez da sua construção: alguns postes grosseiros em betão com espessura de poucas polegadas, uma vedação dupla de arame farpado e algumas torres de vigia em madeira de pinho.<sup>11</sup> Quinhentos prisioneiros evadiram-se de Majdanek. Ninguém escaparia de instalações construídas hoje para o mesmo fim.

Um Majdanek do século XXI usaria reconhecimento facial, identificadores biométricos, arame laminado eletrificado e *tasers* para controlar os reclusos. Os seus limites estariam defendidos por armas letais autónomas, não por cães e holofotes. Seria gerido como uma empresa, com o seu próprio departamento de Relações Públicas, um certificado para compensar as suas emissões de carbono e — tal como na Baía de Guantánamo — uma loja de recordações para visitantes e funcionários.

De facto, a única coisa necessária para transformar uma penitenciária moderna ou um centro de detenção de imigrantes num campo de extermínio é o que os nazis instituíram em lugares como Majdanek: uma lógica impiedosa de desumanização.

Majdanek foi libertado pelo Exército Vermelho. Mas quem libertaria uma Majdanek moderna? Desta vez, o perigo é absoluto. Uma segunda vitória do fascismo num país de primeiro plano seria um acontecimento com implicações para a sobrevivência da humanidade.

Só instituições resistentes e o antifascismo das pessoas comuns o travará. Porém, em que deveria consistir o antifascismo?

Dos anos 1970 a 1990, fui ativista antifascista, primeiro na Liga Antinazi e depois na Ação Antifascista. Perturbávamos eventos fascistas a fim de desencorajar a participação futura. Manifestámo-nos com dezenas de milhares de pessoas para encerrar o quartel-general do Partido Nacional Britânico (BNP) em Welling, Londres, sendo, nesse processo, brutalmente agredidos pela Polícia antimotim.<sup>12</sup> Fomos alvo de vigilância, assédio e infiltração pela Polícia Secreta. E com que objetivo?

Obrigando os fascistas a sair das ruas, forçávamo-los a fazer um desvio pela política eleitoral, na qual as ideias associadas ao BNP, na década de 1980, eram as que predominam atualmente no Partido Conservador. Os líderes conservadores celebram abertamente a história da Grã-Bretanha como potência escravagista e concebem a deportação em massa de refugiados para campos prisionais insulares. Mais de metade dos seus membros pensa que o Islão constitui «uma ameaça para a civilização ocidental» e para «o modo de vida britânico».<sup>13</sup>

Em criança, na vila mineira de Leigh, Lancashire, brincava em abrigos antiaéreos abandonados cujas paredes ainda exibiam grafitos antinazis do tempo da guerra. Em 2019, enquanto lá fazia campanha pelo Partido Trabalhista para as eleições legislativas, ouvi homens da minha idade fantasiar abertamente com a limpeza étnica de imigrantes romenos. «Cercar-lhes as casas a meio da noite, trancá-los com os filhos num camião e levá-los para Dover» era a exigência. «E depois fazer o quê?», perguntava eu. A sua resposta era um sorriso embaraçado.

Todos os tijolos, garrafas e insultos que atirámos a *skinheads* na década de 1970 não impediram que o lixo da supremacia

branca afluísse aos espíritos das pessoas quando a crise financeira global desencadeou um colapso ideológico.

Para travar o fascismo, temos de responder às perguntas com que os progressistas se confrontaram na década de 1930. Como unimos a esquerda e o centro político para combater a ameaça? Como defendemos o estado de direito e o monopólio do Estado no uso da força quando os movimentos da extrema-direita os corroem? Poderão as forças policiais e os serviços secretos, concebidos para proteger a elite contra a classe trabalhadora, ser alguma vez usados de modo eficaz para proteger a democracia do fascismo? Como convencemos gente radicalizada pela ausência de esperança e pelo romantismo que a ação violenta evoca a conter-se? Como reanimamos democracias tão corrompidas e decadentes que, aos olhos de muitas pessoas desiludidas, não parecem dignas de ser resgatadas?

Nenhuma das respostas é fácil, porque cada uma delas implica *arriscar o nosso próprio estatuto*. Se estiver a ler este livro num comboio, num café, na praia ou numa sala de aulas, só a capa já politizou o espaço em que se encontra. Graças a Donald Trump, o facto de o leitor se declarar antifascista acarreta agora um estigma em toda a parte.

Recordo-me nitidamente do primeiro momento em que compreendi que o fascismo existia. Foi em meados da década de 1960, tinha eu cerca de cinco anos. O televisor estava ligado e ia começar um programa sobre a libertação de Bergen-Belsen. A minha mãe, filha de um judeu polaco, levantou-se de um salto e desligou o aparelho. «Não vamos ver isto», gritou.

Nascida em 1935, passou a infância com a consciência de que, se os nazis invadissem a Grã-Bretanha, ela seria morta. Posteriormente, percebi que não eram os meus olhos que ela tentava proteger das imagens, mas os seus. Contudo, fracassou. Durante uns breves momentos, vimos uma escavadora mecânica empurrar uma pilha de corpos macilentos para um fosso.<sup>14</sup>



Sabe-se agora perfeitamente que, nas primeiras décadas que se sucederam à guerra, tanto a memória do fascismo quanto o desejo de o estudar foram abafados. Pelos filmes, ficámos a saber que os nazis tinham metido pessoas em campos vedados com arame farpado e que por vezes as mataram. Contudo, as vítimas nos filmes que vi em criança eram na sua maioria prisioneiros de guerra britânicos, não judeus.<sup>15</sup>

Veio depois o degelo: na década de 1970, séries televisivas como *Holocausto* e filmes como *Cabaré* viraram do avesso a imagem popular dos nazis.<sup>16</sup> As pessoas que tinham perpetrado o terror já não eram maioritariamente retratadas como guardas prisionais em botas de cano alto; eram as pessoas comuns da Alemanha: a senhoria, a empregada da limpeza, o mestre-de-cerimónias bissexual do cabaré.

Seguiu-se, por fim, um longo período — dos anos 1980 em diante — em que o fascismo foi mercantilizado na cultura popular. Uma geração que nada tinha a temer e não albergava qualquer tensão pós-traumática, podia consumir alegremente filmes, romances, séries dramáticas e até pornografia com elementos cenográficos nazis.

Entretanto, o espaço memorial de Auschwitz alargava-se e eram criados importantes museus e monumentos globais alusivos ao Holocausto, incluindo novas provas recolhidas nos arquivos da União Soviética, que se desmembrara.

Em consequência, sabemos hoje mais a respeito do que o fascismo fez enquanto esteve no poder do que qualquer geração anterior. Não obstante, muita gente ignora lastimavelmente como chegou ao poder. Apesar dos inúmeros filmes e séries, quase nunca nos é mostrado como milhões de pessoas foram arrastadas pela excitação de assassinar judeus, ciganos, homossexuais e socialistas; como *imaginaram* fazê-lo e até como deram os seus votos àquilo que na altura pareciam partidos de protesto.

É por isso que, neste livro, não me concentro nos regimes, mas no *processo* que leva o fascismo ao poder, perguntando: como é que partidos de extrema-direita romperam o seu isolamento? Quais foram os traços psicológicos que procuraram mobilizar? E porque é que a esquerda não conseguiu detê-los? Se pudermos responder a tudo isto, conseguiremos conceber estratégias para impedir que tal volte a acontecer.

Para compreender o fascismo requer-se uma teoria, não chega uma coleção de factos. Porém, com o reaparecimento da extrema-direita de hoje, quase todas as teorias do fascismo formuladas nos últimos sessenta anos precisam de revisão.

Até à década de 1980, poderia legitimamente argumentar-se que o fascismo era o que acontecera nos anos 1930 e que os grupos de extrema-direita que sobreviveram constituíam ressacas desses tempos. Nos anos de 1990, podia dizer-se: surgiu um novo populismo de direita, mas não é fascista. Testemunhamos hoje um verdadeiro e grave ressurgimento fascista. E embora as suas formas de organização e a sua linguagem sejam diferentes, as raízes filosóficas são exatamente as mesmas.

«Porque aconteceu daquela vez?» é uma pergunta muito diferente de «Porque está a acontecer outra vez?» Esta última suscita a interrogação: teremos de continuar a derrotar continuamente o fascismo até que o próprio sistema capitalista desapareça? Receio que a resposta seja afirmativa.

As teorias mais frágeis do fascismo são as que surgiram logo após a Segunda Guerra Mundial, enraizadas em disciplinas pre-existentes. Psiquiatras explicaram-no como psicose de massas; a ciência política desenvolveu a teoria da Guerra Fria do «totalitarismo», segundo a qual fascismo e comunismo são essencialmente a mesma coisa; filósofos morais explicaram-no como «mal radical»; antropólogos categorizaram-no como «religião política».

Não havia coerência, somente um emaranhado de asserções con-  
correntes.

Quanto ao marxismo, pelo menos na sua forma ortodoxa, a respetiva teoria do fascismo estava errada nos anos de 1920, inacabada nos de 1930 e veio a tornar-se incoerente na última década. O marxismo clássico via o fascismo como agente da elite financeira, cuja missão residia em esmagar os movimentos fortemente organizados de trabalhadores do período de entre guerras, a fim de obstar a uma revolução. Hoje não há proletariado revolucionário, não há desemprego de massas nem nenhuma fação significativa no seio da alta finança deseja ou precisa do fascismo. Todavia, ei-lo de volta.

Desde a década de 1970, historiadores académicos criaram a disciplina de «estudos comparativos do fascismo», enquanto cientistas sociais propunham explicações comportamentais. Examinarei criticamente as suas visões neste livro porque, com o súbito ressurgimento da ameaça, já não se trata de uma questão académica.

A nossa tarefa é construir uma nova teoria do fascismo que assente nos estudos académicos, mas que esteja na «posse» e seja sustentada prioritariamente por ativistas, tanto com base na experiência quanto na teoria, e possa responder à ameaça em tempo real.

Precisamos de algo mais do que uma definição, porque as definições não são explicações. Uma lista de verificação das características comuns aos partidos fascistas históricos não explicará o que leva um deles a tornar-se uma seita irrelevante e outro a conseguir conquistar parte da Europa continental. E uma definição também não pode condensar facilmente um processo pelo qual indivíduos, partidos e movimentos que não eram fascistas se tornam fascistas.

Todavia, como é grande a procura de afirmações definitivas, eis a minha. *O fascismo é o medo da liberdade, desencadeado por um vislumbre de liberdade.*

Trata-se da mobilização violenta de pessoas que não querem ser livres, em torno do projeto de destruir a liberdade. É, como escreveu o antifascista italiano Enzo Traverso, «uma revolução contra a revolução».<sup>17</sup>

Ao longo da história, acreditou-se na possibilidade da autoemancipação humana. Era esse o significado implícito de todas as religiões humanistas, o projeto explícito do Iluminismo e o objetivo declarado do marxismo. O fascismo constitui uma tentativa de impedir que ela aconteça.

O desígnio declarado dos nazis era apagar todo o progresso desde a Revolução Francesa, de 1789, e congelar o tempo histórico de modo tão absoluto que jamais pudesse voltar a manifestar-se alguma modernidade, iluminismo ou progresso. É também isso que quer a extrema-direita de hoje.

Na senda do que leva as pessoas a rejeitarem e a obstarem à liberdade, defenderei que temos de investigar muito para lá dos fatores contingentes de crise económica ou de antagonismos de classe que têm constituído o ponto de referência tradicional da esquerda.

Embora não exista partido fascista com trajeto viável para o poder no momento em que escrevo, isso poderá mudar. Das alterações climáticas à desglobalização, sentir-se-ão em meados do século XXI pressões maiores do que as que destruíram as frágeis democracias do século XX. Pela positiva, se enfrentarmos esses desafios com coragem e de forma coletiva, poderemos estar mais próximos da liberdade do que pensamos.

Este livro encontra-se estruturado em torno de três temas: a ideologia e a prática do fascismo moderno; o processo pelo qual os fascistas originais constituíram os seus movimentos e tomaram o poder, bem como as suas semelhanças com os nossos dias; e a procura de maneiras eficazes de lhes fazer frente.

Não se trata de uma obra de teoria crítica nem de ciência política, nem sequer de uma história académica. Não terá utilidade em jantares abrilhantados por pós-modernistas, a menos que queira atirar o volume a alguém. Também não fornecerá um guia exaustivo do panorama organizativo da extrema-direita: isso é algo que se transforma e muda tão rapidamente que terá de consultar os sítios na Internet de ativistas e grupos de vigilância para se manter atualizado.

A maneira mais simples de travar o fascismo é interpor o seu corpo — e não o seu avatar no mundo virtual — entre os fascistas e o objetivo que procuram alcançar. Eu fi-lo e posso certificar a eficácia.

Contudo, a resistência física, que tem sido a principal atividade dos antifascistas desde a década de 1920, só funciona se integrar uma estratégia política mais abrangente. Se eles estiverem armados, incitados pelo presidente e apoiados na maior rede noticiosa do país, será necessário algo mais poderoso do que a sua própria coragem, nomeadamente uma teoria, uma estratégia e muita gente que pense da mesma maneira.

Este livro explica como chegaremos aí a partir do ponto em que estamos.

## **DO AUTOR DE PÓS-CAPITALISMO E UM FUTURO LIVRE E RADIOSO, UM MANUAL PARA RESISTIR COLETIVAMENTE AO AVANÇO DA EXTREMA-DIREITA**

Num momento de tensão geopolítica e de incerteza económica global, uma ideia transforma-se em evidência: o fascismo não é uma coisa do passado. À medida que a situação da Humanidade se agrava, os movimentos de extrema-direita ganham força, como um pesadelo coletivo recorrente.

Para combater este sistema, temos de compreender o seu percurso, as suas raízes psicológicas na sociedade, a teoria política que lhe dá forma e as condições que o permitem. Acima de tudo, diz Mason, temos de entender o fascismo como um sintoma do inquestionável falhanço do capitalismo.


Em *Como travar o fascismo*, Paul Mason, jornalista, professor universitário e ativista britânico, conta a história deste fenómeno político, faz um retrato arrepiante do seu movimento contemporâneo e traça um plano radical e otimista para derrotar a extrema-direita no século XXI.

## **DAS CINZAS DE UM MUNDO DESTROÇADO POR UMA PANDEMIA, TEMOS A OPORTUNIDADE ÚNICA DE CRIAR UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA E IGUALITÁRIA.**

**PARA QUE ISSO ACONTEÇA, TEMOS DE NOS  
PERGUNTAR: EM QUE TIPO DE MUNDO QUEREMOS  
VIVER? E QUE ESTAMOS DISPOSTOS A FAZER?**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
 @penguinlivros  
 editoraobjectiva

ISBN 9789897845079



9 789897 845079 >